

DUARTE PACHECO PEREIRA

Desde a era do Infante D. HENRIQUE, idealizador das explorações do litoral africano, que animou com a sua energia construtiva e misticismo devotado ao engrandecimento de Portugal, enxamearam nautas intrépidos, diante de cujas naus e caravelas se esvaeciam os mistérios dos oceanos tenebrosos, que a fantasia medieval povoara de monstros inventíveis e vorazes.

Sem açodamento, avançaram até os Açores, por volta de 1431, e dobraram, ao mando de GIL EANES, o cabo Bojador, antes de decorrido um triênio.

Ao succumbir o organizador insigne, a 13 de novembro de 1460, estava conhecida a Guiné até a Serra Leoa, e habilitados os propugnadores dos seus projetos a dar-lhes oportuna execução.

Em continuação, BARTOLOMEU DIAS, com duas caravelas, ultrapassa a extremidade meridional da África, em 1488, facilitando a viagem gloriosa de VASCO DA GAMA à Índia, na década seguinte.

O descobrimento do Brasil seria mera consequência dessas atrevidas explorações, a que se achavam acostumados os navegantes lusitanos, muitos dos quais não se limitavam às atividades náuticas.

Revelavam-se também guerreiros audazes e, não raro, administradores de previdente descortino.

Lembre-se o caso de MARTIM AFONSO DE SOUSA, que, da mesma idade do Brasil cabraliano, D. JOÃO III despachara, para lhe defender o litoral, freqüentado por filibusteiros, além de outras missões relevantes, a 3 de dezembro de 1530.

Mal contaria três decênios de existência e já tinha estadeado competência para chefiar imponente armada, em que se alojaram quatrocentos expedicionários.

Não seria apenas o comandante abalizado, apesar da sua mocidade, mas também o batalhador que se distinguiria nas pelejas engajadas de caminho, ao aproximar-se de Pernambuco, o administrador atilado, o povoador, de cujos empreendimentos resultou a fundação da vila de São Vicente, o sagaz observador de fenômenos cosmológicos, submetidos ulteriormente à apreciação do matemático PEDRO NUNES, autor do "Tratado da Sphera" e "Tratado em defesa da carta de marear", que, para lhe aclarar as dúvidas, desenvolveu não "sômente cousas práticas da arte de navegar, mas ainda pontos de geometria e da parte teórica", a exemplo da explanação acerca das "curvas loxodrómicas".

Mais tarde, as qualidades multifarias dos devassadores de "mares nunca dantes navegados", que "passaram ainda além de Trabobana", a saber, de Ceilão, sublimariam em D. JOÃO DE CASTRO, cujo traço dominante não sabem os biógrafos qual seja, entre tantos que lhe fundamentaram a excelsa nomeada.

Se a integridade moral, patente no episódio de oferecer à Câmara de Goa dois fios de sua barba, em garantia de empréstimo, de que havia mister, como vice-rei da Índia, para reconstruir a fortaleza de Diu, assaltada por numerosos inimigos, que derrotou, se a providência do estadista, que robusteceu o prestígio de Portugal, se a cultura científica, expressa no "Roteiro de Lisboa a Goa, Roteiro de Goa a Diu, Roteiro do Mar Roxo", que mereceram louvores dos especialistas e na agudeza das investigações, entre as quais se arrola a prioridade na descoberta do desvio da agulha, para lhe distinguir a variação da declinação.

A propósito, afirmou HELLMANN:

"Este notável navegador redigiu, de tôdas as suas observações náuticas, magnéticas, meteorológicas, e hidrográficas, diários muito minuciosos que contém incontestavelmente o maior e mais valioso tesouro de tal espécie de observações, realizadas na primeira metade do século XVI, e são dignos do estudo fervoroso de todos aqueles que se proponham escrever a história da geografia física ou da náutica nesse século. Depois que eu próprio li estes roteiros, não duvido julgar JOÃO DE CASTRO como o mais considerável representante da investigação científica do mar nos últimos tempos do descobrimento".

(Hist. Col. Port. do Brasil — Vol. I — pág. 82)

De igual maneira, manifestou-se NORDENSKJOLD, ao gabar-lhe a competência profissional.

"Como navegador, hidrografo e observador, ninguém o excedeu até o tempo de BARENTS, LINSCHOTEN, HUDSON e DAVIS".

Nem todos os nautas lusitanos seriam do estôlo mental de JOÃO DE CASTRO, mas muitos se aproximavam, como DUARTE PACHECO PEREIRA, alçado ao fastígio da fama, que não lhe evitou, na velhice, a humilhação de injusta prisão.

"Autor de célebre roteiro circun-africano" — a que deu o nome enigmático — "Esmeraldo de situ orbis", DUARTE PACHECO PEREIRA nasceu em Lisboa, depois de iniciada a segunda metade do século XV.

Por seu pai, JOÃO PACHECO, seria encaminhado aos estudos de cosmografia e náutica, entremeados de atividades guerreiras, em Argila e Tânger, onde se estreou em combates, ainda adolescente.

Após participar da fundação da feitoria-fortaleza de S. Jorge da Mina, em 1482, viu-se incumbido da exploração da costa, dos rios e do interior das terras da Guiné.

Ao regressar da sua peregrinação ao cabo das Tormentas, encontrou-o BARTOLOMEU DIAS na ilha do Príncipe, às voltas com enfermidades que lhe justificaram o regresso à metrópole.

As provas de competência que evidenciara, especialmente em cosmografia, tornaram-se conhecidas entre os governantes, que o aproveitaram em missão relevante.

Quando ameaçadoras se apresentavam as relações diplomáticas entre os dois reinos peninsulares, em virtude da bula de ALEXANDRE VI, que restringia a zona de influência de Portugal, por meridiano a 100 léguas a ocidente dos Açores e Cabo Verde, contrariando as diretrizes da política expansionista portuguesa, em benefício de Castela, decidiu D. JOÃO II impugnar pela força o diploma papal.

Para evitar semelhante desfecho, anuíram os dois monarcas em ajustar novas bases, que satisfizessem a ambos os contendores.

E como seus representantes, mandou o rei de Portugal prestigiosa embaixada, constituída pelo Senhor de Sagre, RUI DE SOUSA, seu filho JOÃO DE SOUSA, almotacér-mor e o licenciado AÍRES DA ALMADA, que se encontraram em Tordesilhas com os embaixadores castelhanos, DOM ENRIQUE ENRIQUEZ, mordomo-mor e o Dr. RODRIGO MALDONADO.

"Después de averlo mucho platicado, registou HERRERA; y oydo a cosmógrafos diferentes que intervinieron en aquella junta", firmaram o Tratado de 7 de junho de 1494, que regulou a separação das influências dos imperialismos peninsulares.

Das discussões participou DUARTE PACHECO PEREIRA como um dos consultores técnicos, mercê do seu conhecimento de cosmografia, em que se distinguira entre os contemporâneos.

Em vez da linha divisória, vagamente indicada pelo papa castelhano RODRIGO BORGIA, a cem léguas a ocidente de "qualquer das ilhas que vulgarmente são chamadas dos Açores e Cabo Verde", ajustou-se, na ocasião, a que seria medida "do pólo ártico ao pólo antártico", a 370 léguas, a partir de Cabo Verde para ocidente.

Jamais seria algum ajuste de limites tão discutido, como o que traçou a raia, aparentemente sobranceira a qualquer dúvida, mas inexequível na aplicação.

A dificuldade de calcular longitudes com o necessário rigor, pelo emprêgo de processos e instrumentos da época, o tipo de léguas, que deveria ser adotado, entre os vários usados, em Portugal e Espanha, a imprecisão do ponto de partida, indeterminado no arquipélago, entre a extremidade oriental e a ocidental, ou no centro, tudo concorria para embaraçar a demarcação.

Não obstante, vigorou por mais de dois séculos e meio, embora parcialmente modificado, não raro, por ajustes que se afeiçoaram melhormente às novas condições impostas por circunstâncias de ordem geográfica, ou política.

Estorçaram-se os confrontantes por bem conhecer o quinhão que lhes tocava. E as expedições exploradoras sucediam-se, de contínuo, tanto as castelhanas, do ciclo colômbino, quanto as organizadas pelo rei de Portugal, entre as quais não teve o merecido realce, na ocasião, a que empreendeu DUARTE PACHECO PEREIRA, conforme registou em "Esmeraldo de situ orbis", livro admirável, que permaneceu inédito até 1892, quando RAFAEL BASTO lhe promoveu a edição, seguida, em outra década, da que EPIFANIO DIAS prefaciou, em 1905.

Da mais recente incumbiu-se, em 1955, o historiador DAMIÃO PERES, da Academia Portuguesa da História, que lhe traçou a biografia.

"E por que Vossa Alteza me disse, declarou no limiar a D. MANUEL, que se queria nisto fiar de mim, portanto preparei fazer um livro de cosmografia e marinaria, cujo prólogo é este que aqui é escrito"...

Para assinalar as suas peregrinações, recordou:

"Temos sabido e visto como no terceiro ano de vosso reinado, do ano de nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos Vossa Alteza (D. MANUEL) mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada uma tão grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela, que se estende a setenta graus de ladeza da linha equinocial contra o pólo ártico, e pôsto que seja assaz fora é grandemente povoada, e do mesmo círculo equinocial torna outra vez e vai em vinte e oito graus e meio de ladeza contra o pólo antártico, e tanto se dilata sua grandeza, e corre com muita longura, que de uma parte nem da outra não foi vista nem sabido o fim e o cabo dela"...

"e indo por esta costa sobredita do mesmo círculo equinocial em diante, por vinte e oito graus de ladeza contra o pólo antártico é achado nela muito e fino brasil com outras muitas coisas de que os navios nestes Reinos vêm grandemente carregados"...

Embora o derradeiro período se refira a sucessos posteriores, quando começou a ser exportado o pau brasil, mais de um intérprete do livro "Esmeraldo", escrito em 1505, alvitra que na viagem descrita o navegante percorreu grande parte do litoral brasileiro.

Assim opinou o professor LUCIANO PEREIRA DA SILVA, ao qualificá-lo de "Precursor de CABRAL".

Ainda que haja entre os doutos divergência de pareceres, como também em relação à sua presença questionável, sem pôsto, na armada de 1500, o certo é que mencionou



latitudes de pelo menos dezoito pontos da costa do Brasil, desde a angra de S. Roque, a 3° 30', à ilha de S. Amaro, em 28° 30'.

As dúvidas acêrca da sua pessoa apagam-se, porém, no tocante à defesa, que promoveu, com as responsabilidades de capitão-mor da Índia, para salvar o rei de Cochim, aliado e amigo dos portugueses, contra o qual se armou fortemente o samorim de Calicut.

Reforçado por aliados, que lhe aumentaram as legiões para 47 000 homens, desencadeou a acometida por terra, apoiado por 160 navios de remos.

A 18 de março de 1504, Domingos de Ramos, investiram furiosamente, mas foram rechaçados por menos de duas centenas de combatentes lusos.

No dia seguinte, cresceu a armada inimiga para 260 velas, sem melhor êxito.

Decorrida uma semana, apresentou-se o samorim em pessoa, com maiores forças e aparelhagem bélica, mas regressou derrotado, depois de perder grande parte de sua gente e material de guerra.

Vitorioso, o defensor da ilha voltou a Lisboa, onde, a 22 de julho de 1504, o recebeu El-Rei com "solene procissão como em dia de Corpo de Deus, em que foi da Sé até o mosteiro de São Domingos, levando consigo a DUARTE PACHECO".

A fama de guerreiro, exaltada neste episódio, ensombrou-lhe o prestígio de navegador e cosmógrafo, que, todavia, legou no "Esmeraldo" provas incontestes do seu saber especializado.

Dividiu-o em quatro livros, apesar de ter, no prólogo, anunciado cinco.

No primeiro, recorda o que escreveram os cosmógrafos acêrca do "cercoito do orbe, e nós isso mesmo faremos, mas será da África e parte da Ásia somente, porque da Europa foi já, por êles tão largamente escrito, que, por isso mesmo, não é mais necessário dizer-se cousa alguma".

Do capítulo 22 em diante, começa a arrolar os descobrimentos promovidos pelo Infante D. HENRIQUE.

Trata o segundo livro dos empreendimentos do "sereníssimo príncipe el-rei D. AFONSO o quinto de Portugal", ao passo que o terceiro assinala as entreprensas de D. JOÃO II, e as explorações que ordenou.

O quarto e último celebra as conquistas "do príncipe el-rei D. MANUEL, nosso Senhor, o primeiro dêste nome que reinou em Portugal", a quem coube colher as vantagens dos esforços dos seus predecessores e por isso tomou o apelido de Rei Venturoso.

Relembrou, no capítulo I, as opiniões dos escritores antigos sôbre a impraticabilidade da navegação além do equador.

A distância era demasiadamente longa, e "havia muitas sereias e outros grandes peixes e animais nocivos, pelo qual esta navegação se não podia fazer".

POMPÔNIO MELA e "Mestre JOÃO DE SACROBOSCO, Ingrês, disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis pela muita grande quentura do sol; donde parece que, segundo sua tenção, aquela tórrida zona por esta causa se não podia navegar, pois que a fortaleza do sol impedia não haver habitação de gente; o que tudo isto é falso".

"E como quer que a experiência é madre das cousas, per ela soubemos radicalmente a verdade".

Encarregado de "descobrir e saber aquêles mares e terras com que nos os antigos punham tão grande medo e espanto, VASCO DA GAMA, indo com muito trabalho, achou o contrário do que os antigos escritores disseram".

Embora se tivesse valido de roteiros existentes, não o fêz DUARTE PACHECO servilmente.

"A cada passo modificou as medições de distâncias, e acrescentou pormenores relativos ao estabelecimento de rota, aos cuidados da navegação na vizinhança de paragens perigosas, ensinamentos êsses particularmente insistentes quanto ao setor que pessoalmente melhor conhecia, ou seja o da costa africana até ao equador e ilhas afro-atlânticas".

"Estilisticamente, prossegue DAMIÃO PERES na apreciação da obra, também o "Esmeraldo de s'tu orbis" se singulariza relativamente aos roteiros quatrocentistas, e mesmo à generalidade dos posteriores, substituindo ao tom mais ou menos secamente didático uma prosa corrente, rica de dados econômicos, pontuada de referências históricas, curiosa na enumeração de costumes indígenas, elucidativa na descrição de cidades ou outras povoações, e, finalmente, clamorosa por vêzes ou mesmo satírica".

Aplaudido pelos seus feitos heróicos e comprovado saber, ainda se afastaria da metrópole, para governar o estabelecimento português de S. Jorge da Mina, onde permaneceu até 1522.

De lá voltou condenado por suspeitas malignas, que lhe amarguraram a última fase da vida, encerrada em 1532.

Dos seus trabalhos cosmográficos, não se divulgaram os resultados, de sorte que eram como que desconhecidos.

Mas bastou a publicação moderna do "Esmeraldo", para que lhe exaltasse DAMIÃO PERES a memória como "cabo de guerra em terra e no mar, explorador geográfico, cosmógrafo e roteirista", que sãbiamente colaborou na definição dos limites do Brasil, antes da sua descoberta, e lhe contribuiu para o melhor conhecimento do litoral, quando apenas raíava a sua vida civilizada.

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO